

## PREÂMBULO

### Identidade e Afirmação Pessoal

Somos treinados, no mínimo condicionados para as ideias de ter, reter, manter, apegar-se, sobrepujar – manias de controle, domínio, por vezes autoritarismo, o mais latente individualismo. Dinheiro, poder, vaidade costumam nos dar muitos problemas. Não somos preparados para lidar com separações, frustrações, perdas, posses, de que não somos proprietários nem propriedades de ninguém. Não nos aparelhamos (ou para tal não fomos culturalmente adaptados), via de regra, para enfrentar críticas, contraposições, para se trabalhar de forma compartilhada, cooperativa, grupal.

Esquecemo-nos geralmente do velho ditado de que “nosso direito termina onde começa o do outro” e de que o outro, bem como nós, dispomos de liberdade, de direito de escolha, de livre arbítrio. Como temos dificuldades para nos adaptar a rejeições, sofrimentos, bullyings, opiniões alheias! Acabamos muitos - ante as adversidades, se expostos a provações - por perdermos a identidade pessoal, negligenciarmos a autoestima! Nossos valores, nossa individualidade não podem depender de outrem, de circunstâncias externas ou subjetivas. Precisamos centrar nosso crescimento, nosso reconhecimento a partir de nós, entendendo que a vida é uma dádiva e que somos os artífices de nosso destino.

Muitas de nossas deficiências, observadas mais recentemente, de relacionamento com pessoas de temperamento dispares, de convivência com ideias opostas ou diferentes, são oriundas de nossa educação permissiva, em que pais ou mestres não nos colocaram limites, nos pouparam de conflitos ou mágoas, não nos ensinaram a enfrentar adversidades, contrariedades.

Vivemos tempos de inovação, de globalização, do reinado da informação, da tecnologia, em que temos que nos reciclar, reaprender, saber viver, conviver com opostos, com pessoas de pensamento e cultura diferentes, trabalharmos de forma cooperativa, integrada, de que não somos donos da verdade, de que devemos superar preconceitos, juízos obsoletos, personalismos.

Achamo-nos conectados, cada vez mais, com todo o globo terrestre, via sistemas virtuais, satélites, intercâmbios profissionais e culturais, fluxo intermitente de pessoas, ideologias, empreendimentos. Um grande aprendizado. “Do útero ao túmulo, vivemos numa escola; por isso, o que chamamos problemas são apenas lições. Não perdemos coisa alguma” (Facundo Cabral, pensador argentino). As águas do tempo são miraculosas, a tudo curam, diluindo no infinito tudo quanto é passageiro: dramas, palavras, ressentimentos, restando-nos o aprendizado e o privilégio de existir, de nos sublimar, nos transmutar.

Eis o que vemos, vivemos, compartilhamos, sem falarmos nas demais dimensões, intra ou extra matéria, das quais pouco ou nada sabemos! Tempo e espaço não param – aliás, segundo a Teoria da Relatividade de Einstein, sequer existem. Pessoas, situações, cenários são mutantes. A vida se move, por inextricáveis trilhas, tendo nós como viajantes, atores, passageiros deslocando-nos por esferas temporariamente contingentes (nascer, viver, partir, prosseguir por estâncias infinitas, estações ressurgentes).

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### Causos do Pe. José Duque

#### INTERVENÇÃO SOBRENATURAL

Certa vez, uma senhora padecia de uma dor incontornável em um dos seus joelhos. Como foi paroquiana e admiradora do finado Pe. José Duque e acreditava piamente que o sacerdote tinha grandes poderes sobrenaturais realizados pela fé em nome de Deus, resolveu mandar rezar uma missa pela sua alma.



À noite, fora à missa, colocou a intenção e rezou pela alma do vigário pedindo o auxílio na cura da dor que sofria. Acabou a celebração, a senhora voltou para sua casa, tomou café e se preparou para dormir. Durante a madrugada acordou e sentiu como se houvesse algo costurando o seu joelho. Assustada passou a mão no local e sentiu leve dor. Virou para o canto e adormeceu. No outro dia, pela manhã, já não sentia dores nenhuma. Então se recordou do seu pedido, das orações e da ação sobrenatural na noite anterior.

### ...e de Mons. Elói

#### CAMPANHA DOS OVOS DE SÁBADO

Há muito anos, lá pelos idos da década de 60/70, houve na comunidade, a Campanha dos Ovos de Sábado em prol da construção do Seminário Santíssima Trindade da Diocese de Oliveira cuja Paróquia de São Tiago pertence. Monsenhor Elói, grande incentivador das vocações sacerdotais e religiosas, tão logo abraçou a causa, a pedido de Dom José Medeiros Leite. A campanha foi bem acolhida pelos diocesanos. Seria uma doação em um único dia, sendo este, o sábado.

A renda da campanha era exclusivamente para a construção do espaço formativo do Seminário Diocesano e ajuda na formação dos padres, tendo em vista que muitos seminaristas eram pobres e dependiam de auxílio financeiro e material. Como na época a maioria das casas criavam galinhas, Dom José teve a ideia de organizar essa campanha de arrecadação de ovos.

Na manhã de sábado, saíam pelas ruas da cidade várias procuradoras pertencentes a associações de São José, Santo Antônio e Pia União das Filhas de Maria. Com uma cesta de bambu nas mãos e um caderno, ao passar de casa em casa, fazia o assentamento da quantidade doada, a família que dou e a data. Tudo feito com grande carinho.

No fim da manhã os ovos eram contabilizados, divididos em dúzias, vendidos às pessoas da comunidade e para o comércio local revender, a fim de apurar o montante e encaminhar à sede do Bispado para a OVS – Obras das Vocações Sacerdotais. Outras vezes, era enviada parte dos ovos também.

Marcus Santiago  
Secretário do  
IHGST



# ADIVINHAS

- 1- Se mudar uma letra em meu nome irá aparecer o nome do animal que é meu maior inimigo.
- 2- Um aquário tem 10 peixes 5 morreram afogados. Quantos sobraram?
- 3- Você está numa sala escura com um único fósforo na mão, à sua frente tem uma vela, uma lamparina e uma pilha de lenha. O que você acenderia primeiro?
- 4- O que o zero disse para o oito?

Respostas: 1- Rato; 2- Peixe não morre afogado; 3- O fósforo; 4- Que

quanto maneiro

## Provérbios e Adágios

- Mocidade viciosa, velhice de achaques
- Onde se come, ficam migalhas
- Onde reina a força, o direito não tem lugar
- Os maiores venenos estão em frascos pequenos
- Anda em capa de letrado muito asno disfarçado

Para refletir:

• O mundo de amanhã será uma sociedade baseada na não violência. Pode parecer um objetivo longínquo, uma impraticável utopia. Mas não é inviável, desde que comecemos a operar aqui e agora. Um indivíduo pode adotar a forma de vida do futuro – a não violência – sem ter de esperar pelos outros. E se um indivíduo pode fazê-lo, não o poderão os grupos? Nações inteiras? Muitos homens hesitam em dar começo, porque sentem que o objetivo não pode ser alcançado por completo. Tal atitude mental é precisamente nosso maior obstáculo para o progresso – um obstáculo que cada homem, se sozinho, decidir derrubar; pode derrubar.

(Mahatma Gandhi)

• Para onde quer que rumemos, tenhamos sempre conosco a cela. O irmão corpo é a nossa cela e a alma é o ermitão que vive na cela, contemplando e orando para dialogar com Deus. Se a alma, em sua cela, não se cala, de nada vale a cela externa feita pela mão. Não há, irmãos, meditação completa sem o silêncio.

(São Francisco de Assis)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

## PEÇA 'GALILEU GALILEI'

Em sua celebrada peça "Galileu Galilei", Bertold Brecht reflete sobre o grande cientista italiano Galileu Galileu, que acabara de comprovar a doutrina de Nicolau Copérnico, ser o Sol o centro do sistema, movendo-se, pois, a Terra em seu derredor. A descoberta contrariava os princípios da Igreja, sendo Galileu perseguido pela Inquisição. Para não ser levado à fogueira, viu-se forçado a negar publicamente seus estudos e comprometer-se a encerrar, de vez, suas "ímpias" pesquisas.

Em dado momento, Galileu, o personagem, o protagonista da peça, revela que, mesmo à revelia da Igreja, munido de papel e tinta, trabalhava até o entardecer, persistindo em seus estudos e na escrita de suas descobertas. Diz o personagem: - "Entrego folha por folha à Inquisição, usando o resto de luz das noites claras" E nos perguntamos: E, nós, o que fazemos com o resto de luz das noites claras? Que concessões fazemos, a fim de mantermos nossas convicções, em meio às contradições das fogueiras cotidianas?

## QUESTIONAMENTOS AO BOLETIM

Recebemos, ultimamente, questionamentos, críticas - que entendemos construtivas, de boa fé - quanto ao padrão e contexto gráfico do boletim - fonte (letra) miúda, matérias longas, cansativas, com excesso de informações e dados, poucas ilustrações, dificultando ou desestimulando, por conseguinte, a leitura, em especial por parte de pessoas com dificuldades óticas ou que dispõem de pouco tempo para leituras.

Argumentos, em suma, de que, graficamente, a configuração do boletim é pouco atraente, inibindo ou desmotivando a leitura. Com a sugestão de que as matérias, se extensas e se necessárias, sejam distribuídas em vários números subsequentes. Que haja maior diversificação de temas e de colaboradores.

Acolhemos, com humildade, as respectivas ponderações, reconhecendo algumas deficiências, que procuraremos sanar junto ao pessoal técnico (diagramação, ilustração). Esclarecemos, uma vez mais, que o objetivo do periódico é simplesmente REGISTRAR, MEMORIZAR, RESGATAR fatos de nossa história e cultura - tão rica e desconhecida - não tendo, contudo, maiores preocupações metodológicas, científicas, publicitárias, recreativas, imagem ou visual atraentes etc.

Os colaboradores do boletim - autores de textos, pesquisadores, revisores, digitadores, distribuidores, apoiadores e outros - são todos voluntários, atuando espontaneamente e com o mais alto espírito de abnegação e dedicação à causa cultural e memorialística de nossa terra e região. O boletim, por sua vez, se mantém graças a doações e colaborações espontâneas, avulsas, anônimas, o que vem permitindo suas edições, ao longo de dez anos. Se dependesse de certas fontes, sejam privadas ou públicas, jamais teria saído um exemplar!

Quanto a outros autores e colaboradores, fomos sempre receptivos a isso e contamos/aguardamos a contribuição de escritores, pesquisadores, estudantes, pessoas comuns, que queiram expor suas produções de cunho histórico, memorialístico, cultural, literário e afins. Nossas páginas estão sempre abertas aos colaboradores. Quanto à sugestão de desdobrar as matérias mais extensas, ao longo de duas, três edições, acreditamos não ser funcional, pois perder-se-á o seu fio condutor, a sua sequência.

Esclarecemos, ademais, que as informações inseridas nas edições do boletim, levadas ao conhecimento da redação, aqui são acrescidos, dentro do possível, dados complementares, oriundos de pesquisas, bate-papos, entrevistas, parcerias com outros pesquisadores etc. Pessoas que nos leem e que eventualmente se utilizarem, a qualquer tempo, do material aqui divulgado, entenderão nossas limitações, equívocos, incompetência. E para o que contamos com a generosidade e benevolência. O que nos sobra, porém, é boa vontade, espírito de doação, contribuindo, ainda que precariamente, para o reconhecimento e prospecção do riquíssimo filão histórico e memorialístico de nossa região. Que outros continuem a batear, a escavar, a abrir sulcos!.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:





## SÃO TIAGUENSE na Academia de Letras de São João del-Rei

Merecidamente nosso conterrâneo Marcus Antonio Santiago, o Marquinho, foi convidado a ingressar na Academia de Letras de São João del Rei, como sócio-correspondente, o que ele aceitou com muita alegria.

Sua posse se deu em 12/02/2017 em Sessão Solene, a primeira do ano, com a posse também de uma ex-professora da UFSJ, Sr<sup>a</sup> Luísa Teixeira de Carvalho.

Durante o evento, de muita riqueza cultural, houve a apresentação oral de um dos membros sobre a vida e obra de um dos Patronos da Academia, o Sr. Antonio Modesto de Paiva.

Também houve uma apresentação do Padre Ramiro José Gregório, que cantou belíssimas canções acompanhado, ao teclado por um músico são joanense.

Marquinho ouviu palavras de congratulações do Presidente da Academia, prof. João Bosco de Castro Teixeira, que teceu comentários sobre membros que são muito ausentes às atividades da Academia e falou também sobre São Tiago, cidade vizinha a São João del Rei, com fortes ligações históricas e culturais, o que foi reforçado pelo acadêmico Dr. Wainer Ávila.

Dr. Wainer foi quem fez a indicação de nosso conterrâneo para a Academia e em sua fala elogiou o Marquinho quanto à sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, bem como por suas obras publicadas e demais atividades culturais em São Tiago. Acentuou ainda, o Dr. Wainer, a ligação política, religiosa, cultural e comercial de São Tiago com São João e a sua própria por ter-se casado com uma filha de São Tiago, por isso, nutre forte entrelaçamento com a sociedade são-tiaguense.

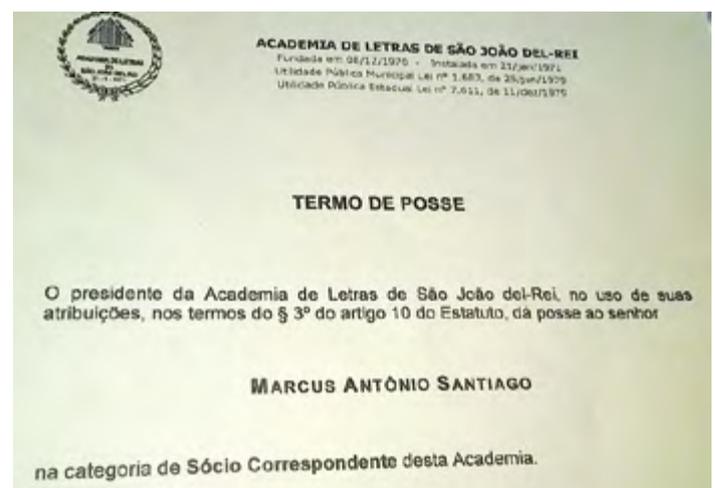
Na ocasião, Marquinho presenteou a Biblioteca da Academia de Letras de São João del Rei com um exemplar de todas as suas obras já publicadas (que não são poucas).

Em seu pronunciamento, nosso escritor não só falou de sua

alegria em se tornar membro daquela histórica Academia como também relatou a atividades culturais desenvolvidas em São Tiago, de modo especial pelo IHGST e as Escolas da comunidade como: SARAUS, Café Literário, Homenagens à memória dos líderes são-tiaguenses, que fizeram história construindo a cidade e todo seu acervo para as gerações futuras.

Nesta página, nos unimos ao Boletim Sabores e Saberes para cumprimentarmos o ilustre jornalista e escritor são-tiaguense por seus feitos, suas obras, sua dedicação aos estudos (curso após curso) e felicita-lo pelo seu ingresso na Academia de Letras de São João del Rei.

*Pelo IHGST,  
Maria de Lourdes Rezende (Cairu)*



# 1917 - 2017

## Cem anos das aparições de NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Três pastorzinhos portugueses – os irmãos Jacinta e Francisco e a prima Lúcia – foram aquinhoados com aparições fenomenais, inicialmente as do “Anjo de Portugal” ou “Anjo Custódio” em 1916<sup>(1)</sup> e as de Nossa Senhora em 1917.

No domingo, 13 de Maio de 1917, as crianças, como o faziam habitualmente, foram ao local “Cova da Iria” pastorear as ovelhas. Viram, por volta do meio dia, um forte clarão semelhante a um relâmpago. Julgando ser prenúncio de chuva, decidiram voltar para casa. Eis que avistam uma formosíssima senhora, mais brilhante que o sol, portando nas mãos um lindo rosário de pérolas faiscantes. Dirigindo-se às crianças, se apresenta:

- Sou do Céu e peço-lhes que venham até aqui durante seis meses seguidos, sempre no dia 13, a esta mesma hora

Lúcia perguntou-lhe:

- Iremos para o Céu ?

- Sim, vocês vão para o Céu. Rezem o terço todos os dias para alcançarem paz para o mundo e o fim da guerra<sup>(2)</sup>.

As crianças passaram a rezar, sempre contentes, ansiosas, na expectativa do próximo encontro com a Senhora. Quando Nossa Senhora apareceu em 13 de julho, pediu para que oferecessem sacrifícios pelos pecadores, mostrando-lhes o inferno, hórrido mar de fogo, dor e desespero, para onde eram conduzidas as almas condenadas ou que não se arrependem. E disse-lhes:

- Para impedir que as pessoas caiam nele, Deus quer que todos tenham devoção ao meu Imaculado Coração. Assim acabará a guerra, haverá paz e muitas pessoas se converterão.

As crianças, fiéis aos conselhos e admoestações de Nossa Senhora, passaram a fazer e oferecer sacrifícios pelos pecadores e pela conversão do mundo.

Na aparição de 13 de setembro, disse-lhes que continuassem a rezar o terço e procedessem a sacrifícios adequados. (As crianças, a título de mortificação, passaram a usar cordas ásperas e cortantes, a friccionar urtigas pelo corpo, daí o sábio conselho da Mãe)

No dia 13 de outubro de 1917, uma multidão se reuniu na Cova da Iria à espera de Nossa Senhora, naquela que seria a sua última aparição. Ao meio dia, ela apareceu, insistindo na oração do terço, momento em que os três pastorzinhos viram também São José e o Menino Jesus abençoando o povo, assim como a visão de Jesus no Calvário. Para assombro geral, o sol passou a girar numa grande velocidade, em ziguezagues pelo céu. Chovia forte. Pasmos, todos caíram ao solo, quando o sol avançou sobre a multidão como se fosse cair na terra. Ao se levantarem, todos se achavam com as roupas secas e limpas. Um milagre.

Muitas pessoas, porém, inclusive autoridades e até religiosos, recusavam-se a crer, a aceitar as aparições e oprimiam as crianças. Tiveram elas, portanto, que resistir a muitos obstáculos e sofrimentos, a superar perseguições, utilizando-se, para tanto, da oração frequente, da alegria, da perseverança, do heroísmo, tudo oferecendo para o consolo e o amor de Jesus e Maria e a conversão dos pecadores. Jacinta, dentre as três, foi a que mais se impressionara com as visões, em especial a do inferno. Fazia frequentes penitências em prol dos pecadores e sofredores.

Pouco tempo após a última aparição, uma epidemia devastadora – a gripe espanhola – espalhou-se pelo mundo, levando milhões à morte, inclusive Francisco e Jacinta, também suas vítimas e que faleceram num espaço de um ano.<sup>(3)</sup> Dos três pastorzinhos, somente Lúcia sobreviveu, tornando-se religiosa e vindo a falecer em 2005.<sup>(4)</sup>

Nossa Senhora alertara: - “Deus castigará o mundo por causa dos pecados. Haverá guerras, mortes e várias nações sucumbirão. Por fim, meu Imaculado Coração triunfará”. Eis sua mensagem, sua promessa de paz, seu pedido de conversão - e a de Cristo - para a humanidade.

A mensagem de Fátima, que se difunde pelo mundo, teve como instrumento três humildes crianças do campo, a quem o Sapiencial Coração de Maria confiou tão nobre missão e que a cumpriram com perfeição, entusiasmo e destemor próprios dos apóstolos do Senhor.<sup>(5)</sup>

Há que se observar que, ao longo da história, Nossa Senhora apareceu nas mais diversas condições e os videntes são geralmente crianças, jovens e pessoas simples. Alguns exemplos: **1432 – Caravaggio, Itália** – Nossa Senhora aparece a Joanete Varolli, uma camponesa; **1531 –**



**Guadalupe, México** – Nossa Senhora aparece a Juan Diego, um indígena; **1579 – Kazan, Rússia** – Nossa Senhora aparece a uma menina de 10 anos; **1846 – La Salette, França** – Nossa Senhora aparece a Maximino Giraud, de 10 anos e a Melanie Calvat, 15 anos; **1858 – Lourdes, França** – Aparecimento para Bernardete Soubirous, 14 anos; **1981 – Medugorje, Bósnia** – N. Senhora aparece a 5 adolescentes e uma criança.

### NOTAS

(1) - Sobre as aparições do “Anjo de Portugal” ou “Anjo Custódio”, ver matéria em nosso boletim nº CIX - outubro/2016.

(2) - Nossa Senhora refere-se à 1ª Guerra Mundial, então em curso e que provocava tenebrosos males e sinistros: mortes, fome, mutilações, sofrimentos inimagináveis à Europa e à humanidade

(3) - Sobre a “gripe” ou “febre espanhola”, que atingiu duramente o Brasil e nossa região, ver matéria em nosso boletim nº X – Julho/2008.

(4) - Irmã Lúcia faleceu aos 13/02/2005, aos 97 anos, no Convento de Santa Teresa em Coimbra (Portugal), onde vivera enclausurada. Sabe-se que ela, enquanto freira carmelita, recebeu e respondeu a cerca de 70 mil cartas, oriundas de pessoas humildes, de estrelas do cinema e da música, papas e reis.

(5) - Aproximando-se o centenário das aparições de Fátima, as revelações de Nossa Senhora, ao que se conhece a respeito, ainda são ignoradas em seu pleno conteúdo. Exegetas reportam, por oportuno, a figura de São Luis Maria Grignon de Monfort, (31/01/1673-28/04/1716), sacerdote francês dos séculos XVII-XVIII, canonizado em 1947, que produziu previsões sobre a difusão devocional e a instauração do reinado de Maria no final dos tempos. O próprio mote “Totus Tuus”, adotado pelo Papa João Paulo II foi inspirado e extraído dos escritos de São Luis Maria Grignon de Monfort, obra “Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem” (Tuus totus ego sum et omnia mea tua sunt) – “Eu sou todo teu e tudo o que é meu Te pertence, meu amável Jesus, por meio de Maria, tua Santa Mãe” n.233).

São Luis Maria Grignon de Montfort foi um entusiasta do missionarismo e da consagração à palavra de Cristo e sumamente devotado a Maria Santíssima. “Ut adveniat regnum tuum adveniat regnum Mariae” (“Para vir o reino de Deus, venha o reino de Maria” n. 217). O reinado de Maria, nos derradeiros tempos, se fará com apóstolos fervorosos, sustentadores da fé, suscitados por Deus e dessa forma, a luta vitoriosa dos filhos da luz contra a iniquidade, a impiedade, a idolatria, em que a cabeça do maligno será esmagada.



Canonização dos Pastorinhos de Fátima - 13/05/2017

# A CRIANÇA COMO



## CONDUTOR HUMANO

"Em cada criança, todas as coisas se renovam e o universo é posto de novo à prova".  
(G.K. Chesterton)

Exige-se de todos nós, em todos os níveis – sociocultural, educacional, teológico, histórico, político, hermenêutico e afins - uma profunda revisão quanto ao papel da criança no contexto civilizatório. Uma visão da criança como ser transversal, interdisciplinar, plenificado, por vezes transcendente. O resgate, a redescoberta, a suma importância da infância como princípio, meio e fim da evolução, ponto basilar da revelação, do vigor e fulgor da Divindade entre os homens.

A criança é o presente, o futuro da sociedade; protagonista da comunhão entre a Criação e a humanidade em nossa caminhada remissiva, salvífica. É ela dotada de uma sensibilidade sublimada, sobremaneira original ou especial, de uma cosmovisão edificadora, plasmadora, como imagem, sopro e encarnação do Divino no mundo, que nos fogem à imediata ou mesmo remota compreensão. Grandes revelações, obras e propósitos divinos ocorreram por intermédio de crianças e jovens – Moisés, Samuel, Davi, o Cristo. A importância de assimilarmos, inserirmos, restaurarmos o culto da pureza, da originalidade da criança em seu louvor permanente a Deus e por Ele plenamente amparada! Quantas vezes, afinal, ao longo da história, fomos pastoreados, conduzidos por crianças e infantes?!

Falam-nos elas, em seus balbucios, em suas falas, em seus louvores, verdades sublimes, mistérios e modelos do Reino. Nas crianças, estão a inocência, a espontaneidade, a humildade, a ternura, a amizade, a singeleza; delas muito aprendemos e aprenderemos em termos de humanidade, na sua condição de agentes do Reino Divino entre nós. Não serão reis, ditadores, generais, juízes togados quem guiam ou guiarão a humanidade e sim, um Menino ("Um menino os guiará" Is 11). Eis uma total reviravolta no contexto humano. O sairmos dos palácios, dos gabinetes dos sábios e adorarmos o menino numa manjedoura! O reino divino é, praticamente, oposto ao reino terrestre. De um lado, poder, status, prepotência; do outro, o dom de servir, harmonizar, desvelar, renunciar, amar, transmutar. Algo inconcebível, espantoso até para doutos e filósofos.

"O princípio da filosofia é o espanto"  
(Platão)

Encontramos nos Evangelhos a passagem da "Segunda Multiplicação dos Pães" (Mc 8,1-9 / Mt 15, 32) uma simbologia dos Reinos de Deus e da criança, embora instaurados, referenciados, ainda não plenamente desenvolvidos, a nível planetário. O menino tinha 5 pães de cevada e 2 peixes, algo humanamente insignificante, e isso alimentaria atordoantemente multidões. Sem dúvida, uma das mais extraordinárias, documentações e manifestações do Verbo, da realização do Espírito entre os homens. Mostra-nos a solução de Cristo, o compromisso e a solicitude do Divino para com a comunidade terrena. Uma mensagem que os doutos teólogos denominam de "veterotestamentária", ou seja, uma ênfase do Êxodo, da travessia do deserto, da humanidade em redenção, que se estende até os dias atuais e razão da vinda transcendental do Cristo, feito infante, até nós.

O Senhor conhece e responde às necessidades de seu povo; mostra-nos que não serão o poder do capital, a lógica comercial, a esterilidade das coisas imperecíveis, que resolverão os problemas humanos. A resposta de Cristo é a da doação, da compaixão, da multiplicação da caridade, da ação pastoral efetiva e de que, pelo amor, pela fé, jamais nos faltarão o pão material ou espiritual.

"Aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus. E qualquer um que receber, em Meu nome, um menino, tal como este, a Mim Me recebe".  
(Mt 18, 45)



É ela, a criança, fonte de aprendizagem, de fermento transformador, cabendo à comunidade o papel perceptivo, criativo, de entender e atender-lhe o pleno desenvolvimento, o pujante desabrochar. Lamentavelmente, a visão adulta é obsessiva, ritualística, racionalista, burocrática, marginalizadora. Um crime inominável, de lesa humanidade, lesa divindade, a desatenção, os abusos, a situação de risco em que vivem milhões de infantes no seio da coletividade. Ovelhas diariamente sacrificadas por nossas omissões, nossas obsessões, nossas instituições.



# MÁRIO CAPIM



Mário Capim exerceu, em nosso meio, ao longo de sua laboriosa vida, inúmeras atividades: trabalhador braçal, pedreiro. Músico conceituado, participou das bandas e corporações musicais locais, de conjuntos que animavam bailes e ainda de grupos ou manifestações folclóricas, como folias de reis, quadrilhas, reisados, etc. Cidadão simples, operoso, afável. Tempos em que a cidade pouco ou nada oferecia em termos de vagas de trabalho. Dessa forma, a maioria dos empreendimentos e serviços disponíveis eram nas fazendas, algumas distantes, havia precárias formas de comunicação com a cidade, exigindo o deslocamento, geralmente a pé ou a cavalo e a permanência dos operários, ali ao longo de dias, semanas e até meses.

Trabalhador dinâmico, admirado pelos patrões, Mário era, todavia, assim dizem, sensível e suscetível a qualquer anormalidade, especialmente à noite: um ruído estranho, um vulto que surgia e se esgueirava furtivamente (decerto um animal), o sacudir súbito de moitas e janelas provocado por alguma brisa, tudo lhe era motivo para “apurar as oíças” (ouvidos em pé) e revestir-se de incontrolado temor e apreensão. Enfim, como se diz, uma pessoa “cismada”.

Trabalhando, certa época, na Fazenda da Paciência,<sup>(1)</sup> de propriedade do Dr. Geraldo Ribeiro – fazenda antiga, da qual se contam fatos espantosos, senão escabrosos, ocorridos nos tempos da escravidão – passou a se apavorar e reclamar dos barulhos tétricos, que, segundo ele, pervagavam, ao longo da noite, pelos amplos corredores do casarão. Tinha-se a impressão de correntes arrastadas, arranhando os assoalhos, passadas lúgubres e vozerios lamuriosos, imprecizações...

Para quem trabalhava ou passava pela velha fazenda, chamava a atenção de todos o grande número de animais domésticos, principalmente gatos, de todas as raças e tamanhos, procriados à solta, que se espalhavam e se movimentavam, a todo momento, pelos pátios, galpões, celeiros, forros, cômodos e cantos da casa sede. A todo instante, em qualquer trecho da secular fazenda, dava-se de cara com os bichanos. Os felinos reinavam ali como feitores e senhores...

Passara quase a não dormir, permanecendo atônito, afônico, olhar intimidado, semblante acobalhado, boca com ressaibos, maus presságios... Para os companheiros de eito, meros caprichos. Não deixavam, contudo, de provocá-lo:

- Mário, são aparições de escravos e de velhos senhores doutras eras. Estão gostando deveras de ti, desejam contar-te segredos ou quem sabe, acertar alguma conta antiga contigo... Ou, então, já que és músico, querem formar uma banda com instrumentistas dos dois mundos...

Gracejos e brincadeiras que deixavam Mário ainda mais melindrado, ensimesmado.

Expôs o problema ao sr. Job Viana, então administrador da fazenda. Pensava em retornar à cidade, pois, além dos barulhos e algazaras dos “mortos”, à noite – que tanto o intrigavam-, ainda tinha que tolerar as pilhérias e chocarrices dos companheiros.

- É um rip-rap...réque...nhéque, a noite inteira, são Job...

Sr. Job, com a sua proverbial temperança, amabilidade, buscou tranquilizar o transtornado trabalhador.

- Acalme-se, Mário. Você já viu que quantidade de gatos, todos gordos, taludos, pesados por aí...O barulho que se ouve à noite é o dos gatos, com as suas unhas afiadas, se movimentando pelo assoalhado e forros da velha casa.

Explicação que, ao que parece, acalmou o nosso laborioso operário e que assentiu em trabalhar ali por mais algum tempo.

II – A Praça São Vicente, popularmente conhecida como Praça do Cerrado, sempre contou, em sua área central, desde longevos tempos, com a presença do Cruzeiro,<sup>(2)</sup> peça de madeira maciça, com seus quatro metros de altura, tendo encimada, bem ao alto, a imponente efígie de um galo. Símbolo de fé e trabalho, segundo

moradores. O artefato de latão e ferro era móvel, rotativo, dotado de eixo, prendendo-se a uma base fixa, a que se dá o nome de coiceira ou cossinete, de forma que ventos, por vezes com fortes rajadas – como sóem acontecer frequentemente, entre nós - impulsionavam e faziam oscilar o “galo”, num ângulo de 180° e que, ao retornar ao seu ponto inicial, no ato de ir e vir, produzia um barulho característico, uma já conhecida cantilena para a vizinhança. A ventania soprando num “vuup-vap” incessante, rodopiando a peça, a cujo regresso, cessada a rajada ou nos seus intervalos, rangia e se contorcía num roufenho “bang...bleen...”

Certa tarde, chuva ameaçadora no alto, nuvens escuras, Mário, que fora até a mercearia do sr. Joaquim Almeida prover-se de alguns víveres para sua casa, busca recolher-se o mais rápido possível – sua residência, por sorte, era por ali perto. Ventania forte, intermitente, levantando poeira, batendo portas. Observando a rua, ambiente chuvoso, revoltado, Mário vê-se surpreendido por uma sequência de ruídos e estalidos, provindos do meio da praça e concomitantemente dos lados da casa de D<sup>a</sup> Maria Luiza, renomada enfermeira local e tradicional moradora da praça. Um insofreadável, transido receio apodera-se de Mário, fazendo-o estacar. Barulhos metálicos zunindo. Objetos e vultos cortantes que, na visão de Mário, rasgavam o ar em velocidade ribombante. A natureza parecia em tumultos, em motim, parafernália de sons, instrumentos destrambelhados, uma orquestração desafinada, colossal. Um espécie de pânico passa a envolvê-lo. Expõe o fato a pessoas que passavam por ali. A praça achava-se tomada por desconhecidas manifestações. Os transeuntes, conhecendo-lhe a sensibilidade aguçada, acalmam-no:

- Mário, o rangido do alto é o do galo “batendo as asas” anunciando a chuva; já o ruído de lado é o portão de entrada da casa de D<sup>a</sup> Maria Luiza, que, aberto, “destramelado”, bate descompassadamente, ao impulso da ventania...

Explicações que levaram Mário, enfim, a se tranquilizar.

## NOTAS

(1) - *Pertinente à Fazenda da Paciência e de outras fazendas históricas concepções, sugerimos a leitura do capítulo Algumas verdades e muitas mentiras - Antigas fazendas e fazendeiros, constante do livro “Memórias de Conceição da Barra de Minas”, autoria de nosso notável amigo e historiador Prof. Antonio Gaio Sobrinho*

(2) - *O costume de se levantar cruzeiros tem origens antigas, sendo incrementado a partir da Idade Média como um ícone da religiosidade cristã e chegando até nós, transmitido pelos portugueses. Em Minas, segundo estudiosos, esse costume foi estimulado, senão sacralizado por D. Antonio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, no período de seu bispado (1844 a 1875), com o apoio de missionários lazaristas, redentoristas e franciscanos, quando das famosas e às vezes ásperas “Missões”.*

*Criou-se o costume de, ao final de cada Missão, realizadas, às carradas, à época, pelo nosso interior, fosse erguida uma cruz ou cruzeiro, a que se incorporavam emblemas da Paixão de Cristo: toalha em forma de M, escada, esponja, lança, martelo, torquesa, coroa de espinhos, tabuleta, túnica, cálice, cravos e até ...o galo!*

# O GALO

## de Barcelos

A fixação e representação do galo no alto de um cruzeiro estão associadas, segundo alguns, à lenda setecentista do “Galo de Barcelos” que narra a intervenção milagrosa de um galo morto na comprovação da inocência de um homem injustamente acusado e condenado. Vamos à peculiar narrativa:

Os habitantes de Barcelos achavam-se alarmados com um crime hediondo ali ocorrido e sem que se descobrisse o autor. Tendo aparecido por ali um galego, decidiram as autoridades prendê-lo, apesar dos rogos de inocência do estranho, que afirmava ser apenas um peregrino, ali de passagem, em direção a Santiago de Compostela, em cumprimento a uma promessa feita à Virgem Maria e a São Tiago Maior.

Julgado e condenado à forca, o homem pediu que fosse levado à presença do juiz que o condenara. Autorização concedida, conduziram-no à residência do magistrado que, nesse instante, banqueteara-se à larga com amigos. O galego jurou novamente e da forma mais veemente, a sua inocência e, ante a incredulidade dos presentes, apontou para um galo assado que estava sobre a mesa para ser devorado, exclamando:

- É tão certo eu ser inocente, como certo é esse galo cantar quando me enforcarem”

Ouviram-se risos e ironias. O magistrado ignorou o pedido de clemência, mandando fosse enforcado o peregrino. Prestes a ser executado, corda já colocada no pescoço do réu, eis que o galo ergueu-se do prato e cantou retumbante. Compreendendo o erro, o juiz correu às pressas, até a forca e pode verificar que o galego se salvara, graças a um nó lasso, mal feito, que evitara o estrangulamento. Determinou o magistrado a sua imediata soltura. Passados anos, o homem voltou a Barcelos, erguendo um monumento em louvor à Virgem e a São Tiago, demonstrando-lhes, assim, sua fé e reconhecimento pela salvação da forca.



## O GALO E SEU SIMBOLISMO

O galo é o símbolo da França, achando-se presente nas medalhas, gravuras, moedas, carimbos oficiais, botões militares do País. Os povos celtas que habitaram a antiga Gália (hoje França) consideravam o galo um animal sagrado – “o pássaro da manhã”. A ave que canta orgulhosa, ativa, independente de que esteja com os pés na lama, daí uma conhecida expressão francesa: “Fiére comme un coq” (orgulhoso como um galo) Representa, pois, a chegada da inteligência e da luz que nunca falha ao amanhecer; a passagem das trevas para a luz, a luminosidade que se anuncia à chegada diária do sol.

O galo compõe um dos signos do horóscopo chinês, o 10º e talvez o de perfil mais excêntrico. Nascidos sob esse signo, segundo os entendidos, tem como características a determinação, a organização, a praticidade, a justiça conscienciosa, a imaginação, mas, por muitas vezes, o autoritarismo, o senso de dominação e difícil relacionamento.

A figura do galo aparece frequentemente ao longo da história, presente na literatura, na mitologia, no folclore, nos livros religiosos, inclusive na Bíblia.

Ave chamada de “relógio dos pobres”, tendo, segundo a cren-

dice, a função de afugentar demônios, dissipar o temor noturno, anunciando a proximidade da luz (dia nascente). No Tibete e em outros países, os habitantes dividem a noite de acordo com o seu canto: “1º cantar do galo”. “2º cantar...”

Usado em rinhãs há mais de 2.000 anos pelos chineses, que adestravam, desde então, galos para brigas. Da China, a ignóbil prática passou para a Pérsia, daí à Grécia (durante as guerras entre persas e gregos) e finalmente Roma, onde encontraram grande aceitação e popularidade. As cidades gregas de Rodes e Tanagra tornaram-se famosas na Antiguidade por adestrarem galos e promoverem sanguinolentos duelos que empolgavam o povo.

De Roma passou à Espanha e Portugal, chegando à América. No Brasil, tornou-se um “esporte” principalmente urbano, com a criação de tipos e seleção de raças para “combate”. Alguns animais, que se celebrizaram pela sucessão de vitórias, alcançavam preços elevados. As rinhãs, hoje felizmente proibidas, (algumas, de forma clandestina, ainda funcionam, conforme exige a imprensa) atraíam apostadores e plateias vibrantes, encenando um apaixonante e deplorável espetáculo de sangue, morte e violência inominável contra animais.

## ALGUNS PROVÉRBIOS E DITOS TENDO COMO TEMA O “GALO”:

- Ao moço e ao galo, um ano
- Não há paz onde cante a galinha e se cale o galo
- Galinha que cacareja ou tem ovo ou chama galo
- Cada galo cante no seu poleiro e o bom no seu e no alheio
- A galinha não deve cantar antes do galo
- Como canta o galo velho, assim cantará o novo
- Galo cantador é pouco galador
- Galo que acompanha pato morre afogado
- Onde canta o galo não cante a galinha
- Galinha que canta como galo, do dono faz cavalo
- Galinha, que como galo canta, anuncia a morte do dono
- Galo que fora de hora canta, faça na garganta (Galo que fora de hora canta, cutelo na garganta)
- Galo furtado, orelhas de fora
- Galo estalou, meu servo fugiu
- Galo cantou, moça arribou
- Galo cantou fora de hora, é moça que está dando o fora (Galo cantando fora de hora é moça que foge)

## GALO Sentido da palavra

A palavra “galo” – gênero de aves galináceas ou galiformes, de bico pequeno, cristas carnudas, asas curtas e largas, rabo com longas pernas coloridas, erguidas em forma de arco – vem do latim “gallum”. Representa a França (antiga Gália), o time do Atlético Mineiro e ainda um dos mais famosos blocos carnavalescos do País, o “Galo da Madrugada”, em Recife. Um dos mais considerados signos do calendário chinês. Ave muito popular em Portugal e no Brasil. O galo designava, em especial na gíria e do jogo de bicho carioca, a antiga nota de 50 cruzeiros.

### EXPRESSIONES:

- **Cantar de galo** – fazer-se de vitorioso, ostentador, exibicionista, “dono do terreiro”
- **Cozinhar o galo** – protelar as coisas; enrolar; empurrar ou matar o tempo; falta de ânimo ou iniciativa para cumprir determinada tarefa que lhe foi determinada, irritando quem a solicitou. Diz-se popularmente que a carne de galo é dura, fibrosa, de difícil cocção e digestão, daí ser necessário cozinhá-lo por mais tempo
- **Galo de rinha** – indivíduo rixoso, dado a bulhas, brigas, desordens
- **Salgar o galo** – ingerir pela primeira vez no dia qualquer bebida alcóolica (NE)
- **Ficar para galo de São Roque** – ficar para titia; solteirona (SP)
- **Galar (v.)** – machear; fertilizar
- **Galo na cabeça** – hematoma; edema; inchaço; fissura dos vasos sanguíneos quando recebemos uma pancada na cabeça
- **Galo capão de terreiro** – corno; marido traído.

### ADIVINHAS

Há antigas e populares adivinhas, ainda hoje recitadas nas rodas, tendo o galo como tema ou personagem:

“À meia noite se ergue o francês  
Se sabe da hora, não sabe do mês  
Tem esporas, não é cavaleiro  
Tem picão, não é pedreiro  
Cava na terra, não acha dinheiro”

“Passeia na praça, não é estudante  
Canta na missa, sem ser sacristão  
Sabe da hora, mas da morte não”

“Canto sem ser cantador,  
Sei as horas não pelo Norte  
Tenho coroa e não sou padre  
Canto matinas e não sou sacerdote”

“Fui branco como a neve  
E amarelo como o sol  
Quando deixo a minha capa  
O meu cantar é melhor”

“Serra na cabeça, foice no rabo  
Adivinha tolo que é galo”

“Traz esporas, não é cavaleiro  
Tem serra, não é carpinteiro  
Tem picão, não é pedreiro  
Acorda a todos, não é despertador  
Cava a terra, não é lavrador”

“Por que o galo canta de olhos fechados?  
R. Porque ele sabe a música de cor”

### OUTROS SIGNIFICADOS DO TERMO “GALO”:

- Vela que, nos ofícios da Semana Santa, ocupa o vértice do candeiro triangular
  - Galo das trevas – candelabro de treze velas nos ofícios da Semana Santa
  - Missa do galo – evento religioso realizado na noite de 24 de Dezembro, de honra e louvor ao nascimento do Menino Jesus
- O galo ainda é conhecido como “coronel (ou general) da madrugada”, sempre vigilante e no comando do “quartel” noturno.

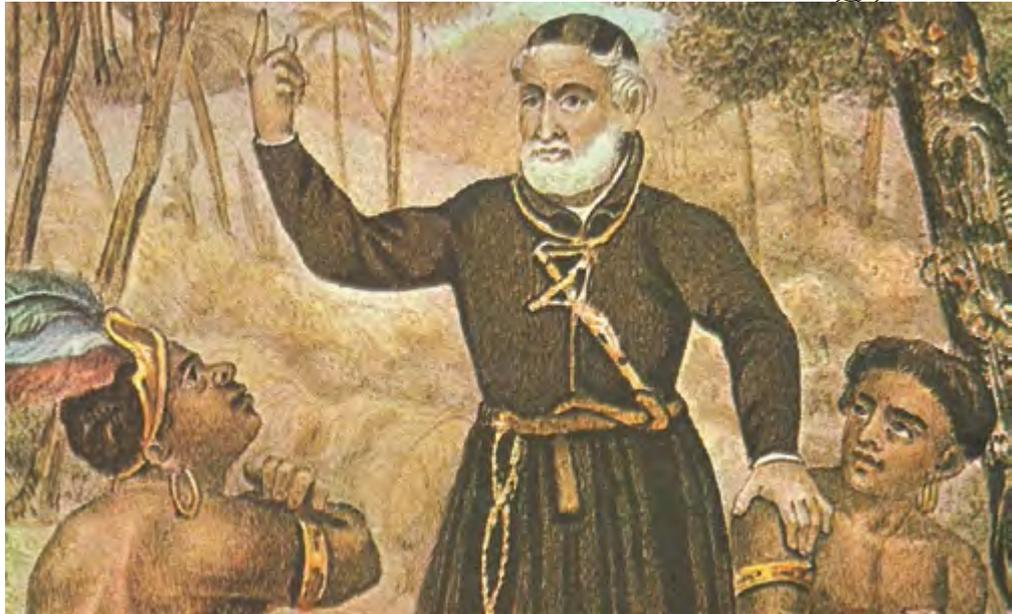
Várias aves silvestres levam a denominação de “galo”:  
Ex. Galo de crista – galo da rocha (galo do pará) – galo da serra – galo da campina – galo enfeitado.

### OUTROS PROVÉRBIOS – TEMA ‘GALO’

- Triste a casa onde a galinha canta e o galo se cala
- Em casa do Gonçalo mais pode a galinha do que o galo
- Galinha que canta como galo, corta-se-lhe o gargalo
- Galo onde canta, aí janta
- Quem canta de graça é galo
- Não há paz onde cantam galo e galinha
- Galo que não canta algo tem na garganta
- Em casa que mulher manda até o galo canta fino

# O Combate à Injustiça e Corrupção

## O EXEMPLO DO PE. VIEIRA



A Editora Loyola está relançando no mercado brasileiro a obra completa do Pe. Antonio Vieira (1608-1697), cerca de 30 volumes, sendo 15 de sermões, além de cartas, poesias, textos para o teatro, escritos políticos etc. Vieira foi intitulado pelo genial Fernando Pessoa como “o imperador da língua portuguesa”.

Missionário, religioso destemido, conselheiro político, pregador excepcional, orador, embaixador, homem visionário, o Pe. Vieira fez a defesa dos índios contra a violência e abusos dos colonos no Brasil. Comparava ele o suplício dos escravos no Brasil, pelas chibatadas, pelas chagas e morte recebidas, ao martírio de Cristo no Calvário. Defendeu intrepidamente os judeus, condenando o antissemitismo em plena Inquisição, o que o tornou também alvo de perseguições sem tréguas por parte do Tribunal do Santo Ofício. Confinado às suas horríveis masmorras, delas saíra em 1663 por indulto real.<sup>(1)</sup>

Tamanha a roubalheira já em seu tempo (século XVII), aliás em todos os tempos, e lugares, que atribui-se a Pe. Vieira a autoria de célebre obra “A arte de furtar”, ainda hoje muito lida e comentada. O autor denuncia os roubos, fraudes e falcaturas praticados por nobres, militares, burgueses, magistrados, reis com seus excessivos impostos e até o clero, por ele denominados “unhas” (“mãos leves”).

Sua obra magna é a “A chave dos profetas”, um tratado político-teológico que celebra o amor universal, a destinação última e cristológica do homem, comparado por muitos à “A cidade de Deus”, de Santo Agostinho. Nesse texto utópico, Pe. Vieira prega a ideia do “Quinto Império”, sendo um precursor, 300 anos antes, da Organização das Nações Unidas (ONU).

O que nos interessa, no presente comentário, e deveras apropriado ao Brasil, é o aspecto ético-profético da obra de Vieira, onde dois temas são incisivos em seus sermões e escritos: a injustiça e a corrupção, temas que, curiosamente, aparecem na obra de outro genial e visionário autor – Dostoiévsky.<sup>(2)</sup> Temática muito atual, a celebração das virtudes, a execração dos vícios, numa sociedade – qual a nossa – de vorazes corsários, execráveis vampiros a conspurcarem a ética, a roubarem acintosa e despudoradamente o dinheiro público.

Pe. Vieira, nos nossos dias, nos falaria, a partir do púlpito e da mídia, da impunidade sacramentada, desavergonhada a nível dos poderes do País; da passividade em geral dos cidadãos que não se mobilizam contra tamanhos desmandos; nossa displicência em votar (vota-se em qualquer um, nada se cobra dos eleitos ou estes se tornam inacessíveis, após empossados, moradores do Olimpo e só aparecem às vésperas das eleições...); os milhares, em grande parte inúteis cargos comissionados preenchidos por “apadrinha-

dos”, “correligionários”, senão desocupados; campanhas políticas milionárias “financiadas”, direta e indiretamente por grandes empresas, corruptas e corruptoras em sua essência...

O extraordinário pregador cobraria a efetiva participação do cidadão; o revigoramento da educação, da ética, civismo de nosso povo, a partir das crianças e jovens; o repensamento de nossas atitudes, muitas delas rotineiras (não furar filas, não corromper servidores ou se deixar corromper; não jogar lixo nas ruas, lotes vagos e logradouros públicos; não “passar a perna” nos outros, em nossos negócios etc.). Enfim, o império da cultura do bem comum, da cooperação, da mutualidade.

### NOTAS

(1) - Um dos mais profundos leitores, conhecedores e admiradores da obra do Pe. Antonio Vieira, em nossa região, foi o saudoso, virtuoso e imemorial D. Antonio Carlos Mesquita, bispo de nossa diocese (Oliveira). D. Antonio Carlos (1923-2005) gostava sempre de frisar sempre a atualidade do pensamento do Pe. Vieira, o destemor de suas colocações e principalmente a atualidade de sua obra.

Outro excepcional mentor e educador em nosso meio, Pe. Luis Zver, gostava muito de fazer correlação universalizada e atemporal (do ponto de vista linguístico, estilístico, ideológico, estético-semântico etc.) dentre escritores, literatos mundiais de todas as épocas. Dotado de assombroso conhecimento intelectual, poliglota, um mágico da sabedoria, Pe. Luis detinha a fabulosa e mimética capacidade de proceder a comparações dentre vários autores, ao longo da história, desde a Grécia e Roma antigas até os nossos dias, independentemente de seu tempo existencial. Na avaliação de Pe. Zver, o Pe. Antonio Vieira, na literatura portuguesa, muito se aproximava do notável tribuno romano Cícero, pois seus textos oratórios têm muitas similitudes, como exórdio, ênfase e peroração.

(2) - Fiodor Mikhailovich Dostoiévski, célebre escritor russo do século XIX. Nasceu em Moscou em 11/11/1821 e faleceu em São Petesburgo em 09/02/1881. Um dos pais do existencialismo, escola literária e filosófica que defende a liberdade pessoal, a subjetividade, a ação e responsabilidade individual ante todos. Autor de romances, novelas, contos onde aborda e se espanta essencialmente com o comportamento humano – patologias, tragédias, crimes, loucura, comodismo – além de uma grave visão social, dramas e tragédias das pessoas mais pobres e necessitadas.

Principais obras: Crime e castigo (1886) – O jogador (1867) – O idiota (1869) – Recordações da casa dos mortos (1862) – Os irmãos Karamazov (1881)



# Desmistificando O PASSADO

*“O trabalho do historiador é lembrar  
o que os outros esquecem”*  
Eric Hobsbawn – 1917/1912

Ao se abordar em uma sala de aula o tema “Entradas e Bandeiras” tão comuns nos compêndios de História do Brasil em nossas escolas – pelo menos, no passado – em especial a Bandeira de Fernão Dias, o que vinha à terna mente infantil? O que aflorava à compreensão ingênua, à ingente imaginação de uma criança interiorana?

Algo, por vezes, mítico, distante, impalpável. Um tópico ou conteúdo a mais dentro da complexo, quando não insípido repertório escolar. A imagem de homens de botas, carrancudos, armas à mão, avançando, abatendo índios e animais, predando nossas riquezas a serviço da Corte e da nobreza perdulária... Ou ainda heróis dignificados pela história oficial, elitista, a quem historiadores como Cunha Bueno denominou os “piratas do sertão”...

Retornemos, porém, aos nossos dias. Foram, na verdade, expedições que passaram próximas a nós, praticamente em nosso quintal, às nossas portas, porquanto São Tiago e região foram, ao longo dos séculos, por sua privilegiada conformação geográfica, palco e roteiro da passagem de dezenas de expedições, marchas, tropas, viajantes, bandeirantes, autoridades régias, muitas delas com pleno destaque e registro nos livros históricos e memorialísticos.

Não nos cabe simplesmente julgar, interpretar fontes, mas aproximar fatos e ideias, refletir sobre o tempo, suas danças e andanças, expor pensamentos, sentimentos e assim emprestarmos cores, tons, imagens, magia à cultura e à memória.

Permitimo-nos aplicar aqui um conceito de Mauricio de Almeida Abreu em sua obra “Sobre a memória das cidades”, p. 18:

*“...as geografias do passado trabalham não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou. Por isso, é preciso sempre desconfiar de vestígios que encontramos, pois os documentos não são neutros, isto é, incorporam estruturas de poder (...) Por outro lado, há também que tentar dar conta do que não deixou vestígios, mas que sabemos que ocorreu ou que deve ter ocorrido”*

Mergulhemos, pois, nos temas sobre a passagem de tantos desbravadores e viandantes por nossos rincões e que temos transcrito em nossas páginas. Boa leitura!



## ENTIDADES DE NOSSA REGIÃO dificuldades para renovação de diretorias

Entidades de nossa região, em especial as das áreas assistencial, social, cultural, classista e de serviços, vem encontrando dificuldades na renovação de seus quadros de gestão/cargos diretivos. Encerram-se mandatos e eis a complexidade, obstáculos na composição/formatação de novas diretorias. Hospital, albergue, associações diversas são exemplos disso.

As duras exigências legais, a necessidade de conhecimento técnico, profissional e de governança, os críticos e “fiscais” de esquina, a omissão de muitos devidamente capacitados e disponíveis mas que não se comprometem, a corrupção generalizada do País que a todos vem estarecendo, a falência do Estado e municípios (não sobrando subvenções e recursos orçamentários para as instituições sociais) parece inibir novos quadros, sobrecarregando alguns abnegados que, até então, buscam manter de pé as organizações. Creches, asilos, hospitais filantrópicos, APAES, entidades de atenção ao câncer, à dependência química, dentre tantas, lutam com extremas dificuldades de funcionamento. E há o caso de várias já inativas ou com atuação reduzida. E também de dirigentes, em especial de entidades filantrópicas, que vão permanecendo no cargo, pois não encontram substitutos ou interessados que a tal se habilitem.

É necessária, senão fundamental a participação e envolvimento da sociedade, apoiando financeiramente as instituições locais/regionais e doando sua contribuição ao quadro de associados e mormente de gestores.

O fato de residirmos num País onde o lamaçal da corrupção é asfixiante, não deve ser motivo de nossa omissão, acomodação. A nação e o povo são pilhados desde a Colônia, passando pelo Império e República, mas não se imaginava que, em pleno século XXI, o roubo e o saque perpetrados por políticos, grandes empresários, empreiteiros, magnatas, autoridades e funcionários públicos de alto e médio escalões – piratas repugnantes - chegassem a tanto! Mas não devemos baixar a cabeça e sim atuarmos dentro de nossos valores maiores de cidadania, democracia, religiosidade e civismo. Cabe-nos contribuir para melhores dias, buscando-se a solução dos problemas que afligem o nosso dia a dia, as necessidades e carências de nossa comunidade.

Não é de se surpreender que uma nação de tamanhos recursos naturais e tão espoliada pelos governantes corruptos, reserve para seu povo a miséria, a violência, a mortandade, os baixos índices de saúde, educação, saneamento básico, salários e aposentadorias miseráveis para a maioria da população, os milhões de escalpelados contribuintes a sustentarem privilegiados e “sete dedos” engratados...

# Composições de autores SÃO TIAGUENSES

A Paróquia de São Tiago Maior e Santana editou o livreto “Celebrações Tradicionais da Semana Santa”, geralmente textos e exercícios mais cantados nos períodos quaresmal e Semana Santa, a partir de pesquisas no acervo da Lira Imaculada Conceição, uma louvável iniciativa dada a sua dimensão litúrgica, cultural e espiritual.

Ousamos aqui sugerir sejam ampliadas pesquisas de peças de compositores são-tiaguenses do passado (ou que aqui residiram e/ou tenham/tiveram vínculos com a região), incluindo textos sacros, para incorporação aos números da Lira Imaculada Conceição, iniciativa que deverá contar com o apoio da Municipalidade e comunidade. Uma fórmula de resgate de nossa cultura e memória artístico-religiosa.

## ALGUMAS EFEMÉRIDES DE MERCÊS DE ÁGUA LIMPA

- 23/08/1867 – Autorização de funcionamento da primeira escola primária em Mercês de Água Limpa pela Lei Provincial nº 3423.
- 24/09/1891 – Inauguração da Capela de Nossa Senhora das Mercês, padroeira da comunidade, sendo pároco o Revm<sup>o</sup>. Pe. Júlio José Ferreira.
- Primeira Semana Santa é celebra na comunidade tendo como organizador e celebrante Padre Elpidio Rosa de Freitas (1942).
- 25/05/1947 – A Capela filial de Nossa Senhora das Mercês (Mercês de Água Limpa) é elevada a paróquia pelo Decreto Nº 04 da Diocese de Oliveira, sendo nomeado pároco o Revm<sup>o</sup>. Pe. Inácio Campos, o qual tomaria posse solenemente no dia 08 de junho do mesmo ano.
- 25/04/1948 – Pe. Francisco Elói de Oliveira é provisionado e empossado como novo vigário (pároco) de Mercês de Água Limpa.
- Missões Redentoristas são realizadas na Vila de Água Limpa pelos padres: Gaspar, Raimundo e Teófilo (16/07/1952).
- 12/12/1953 – Lei Mineira nº 1039 eleva Mercês de Água Limpa à condição de distrito de São Tiago, sendo (o distrito) instalado somente em 29/04/1963.
- Inauguração da Capela São José do Povoado Serra em março de 1957.
- Construção e inauguração do Salão Paroquial (1957).
- 29/04/1963 – Lei Municipal nº 294, em conformidade com a Lei Estadual nº 2783 de 06/01/1963, delimita o quadro urbano e suburbano de Mercês de Água Limpa e instala institucionalmente o distrito (solenidade oficial em 29/04/1963).
- Primeiros registros do Cartório de Paz e Notas de Mercês de Água Limpa são executados pelo seu fundador farmacêutico Hugo de Camargo Machado (1962).
- Em 19 de janeiro de 1967, instalação da CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais no Distrito.
- Fundação do União Esporte Clube (1967).
- Fundação do Coral Nossa Senhora das Mercês (1972).
- Aumento do Cemitério Paroquial de Nossa Senhora das Mercês em 1977.
- Inauguração da Capela Nossa Senhora Aparecida do Povoado Cajengá (19/09/1982).
- Inauguração da Capela de São José Operário no Povoado Germinal em 01/05/1987.
- 13/09/2005 – Lei Municipal nº 1915 institui o dia 25 de setembro (um dia após o da padroeira) como data de aniversário do distrito.

## AUTOCONHECIMENTO

A primeira regra que devemos entender, em termos existenciais e físicos, é que tudo é transitório, impermanente, mutável. Somos passageiros no mundo, não temos aqui morada permanente, nos diz S. Paulo (Hb 13,14)

A realidade circunstancial que nos cerca é transformadora, recicladora, até mesmo desafiadora – daí os sofrimentos, os desgastes, separações, perdas, morte, para o que, via de regra, não nos achamos preparados. “*Esta vida é uma estranha hospedaria / de onde se parte quase sempre às tontas / pois, nunca as nossas malas estão prontas / e a nossa conta nunca está em dia*” (Mário Quintana). Resistimos, por questões culturais ou ainda de ordem inconsciente, às mudanças, transformações, fatos negativos, frustrações, àquilo que não temos controle, que gostaríamos fossem de nosso modo – e não o são! “*A causa de todo sofrimento é o apego*” (Buda)

O autoconhecimento, a autoestima, a visão, versão real de nós mesmos, nos são imprescindíveis, de forma a nos aceitarmos e gerenciarmos, sabiamente, os fatos e fenômenos, ainda que negativos, provocadores à nossa volta, em nosso itinerário. Nos aceitarmos, lidarmos bem com nossas imperfeições e limitações, sejam emocionais, corporais, estéticas, financeiras, intelectivas. Status, posição social, beleza, origem familiar, cargos, o estar com alguém, tudo são circunstâncias de menor expressividade ou relevância, porquanto o que importa é estarmos bem conosco, sentirmo-nos íntegros, consciência apurada, conectados com a vida e os valores duradouros do ser, do espírito, do Divino.

Usarmos adequadamente as ferramentas ao nosso dispor; sabermos congregar alegrias, prazer, afetividade, o potencial humano e divino, relações sadias em todos os âmbitos – familiar, social, espiritual, conjugal, profissional – e que nos são indispensáveis à nossa estabilidade, ao equilíbrio psicológico, ontológico, à melhor qualidade de vida. Não podemos prescindir, ademais, de nos expandir, através de leituras formativas, atividades físicas adequadas, lazer sadio, terapias e principalmente de roteiros religiosos, de ascese e elevação espiritual e quantos outros caminhos de ascensão!

Termos em mente, enfim, que, ao nos deprimirmos, nos colocarmos como sofredores, vítimas, culpados – aliás, algo típico e convencional em nossa cultura – tal comportamento não nos solucionará os problemas, não nos expurgará as energias negativas, mantendo-nos, sim, estáticos, indecisos, à margem da estrada, enquanto a caravana da vida prossegue exuberante, avante...

# O GUARDA-CHUVA

Passara a namorar a bela colegial. Encantara-se, de há muito, desde os primeiros tempos de ginásio, com a sua pele trigueira, os negros bem cuidados cabelos, a voz meiga, aquele sorriso único, ao abrirem-se os lábios em lânguidas pétalas, tantos arrepios lhe suscitavam, cérebro em torvelinhos, poros e sentidos em desalinho. E, assim, enfeitado, buscara se infiltrar aos olhos, insinuar-se ao coração da atraente morena.

Bem que lhe alertaram, não lhe faltaram avisos dos amigos e até desconhecidos, que tivesse cuidado, pois o pai da jovem era sumamente rígido, zeloso quanto à filha, vigiando-a com requintes de leoa impetuosa diante de suas cria. Eram tempos em que estava em cartaz um filme “Toda donzela tem um pai que é uma fera”,<sup>(1)</sup> servindo o tema para espicaçar, ainda mais, o temor do moço quanto à possível e explosiva reação do “velho”.

Encontravam-se às escondidas, ou melhor, longe dos olhos e da mordança do pai, pois dava-se para namorar, um pouco, à entrada da escola, durante o recreio (ambos frequentavam o ginásio, turno da noite), no “escurinho” do cinema, em algum trabalho escolar extraclasse e ainda por bilhetes, suspirosos olhares, pên­sares...

O idílio foi se esticando, meses, anos – assunto, a essa altura, já de conhecimento do pai da jovem. Homem turcão, truncado, seco no conversar, e dado o seu temperamento arrebatado e as suas atividades profissionais, era abominado por muitos, senão por toda a cidade. Proibira a filha de se encontrar com o namorado, passando a vigiá-la implacavelmente. Mandara, ademais, recados bravos, diretos ao moço, através de familiares. Que se afastasse, incontinenti, de sua filha e que, se, acaso, os encontrasse juntos, em qualquer circunstância, que o rapaz se preparasse, a começar pelo lombo, pois a terra iria tremer, a cobra ia fumar da ponta do queixo à ponta da orelha, muita poeira a ser comida pelo atrevido rapaz!

O moço, receoso das ameaças e da alardeada truculência do “velho”, evitava, à toda, locais e horários em que poderia dar de testa com o mesmo, provavelmente com imprevisto, dorido desfecho. Levaria, decerto, uma senhora tunda...

Nada disso, contudo, demoveu os dois jovens do mútuo encantamento, daquele rabicho, enleante feitiço; assim, a relação amorosa - o tempo passando - se consolidava cada vez mais. Namoro já público e ostensivo. Torquato, o rapaz – assim vamos chamá-lo – mais seguro de si, passou inclusive, com a devida cautela, a acompanhar a namorada até as proximidades de sua casa.

Certa noite domingueira, após a sessão de cinema, a

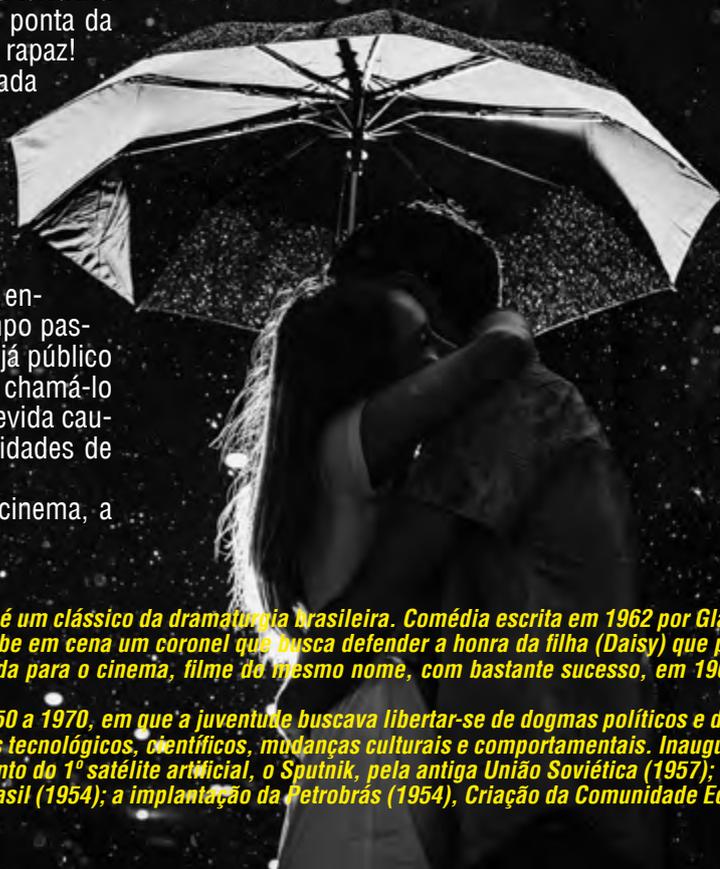
que o par compareceu, ameaçando forte temporal, em torno de dez horas, levou-a, dessa vez, até a casa, não disfarçando a tensão. – O “velho”, a essas horas, deve estar assistindo televisão ou até mesmo deitado, pensou o rapaz. Iniciando-se os primeiros e grossos pingos da chuva, não se contentou em deixá-la no portão. Sobem as escadas, mãos dadas e ali, no topo dos degraus, enlaçam-se e trocam um longo, apaixonado beijo, momento em que a porta range, se abre subitamente, saindo o “velho” de dentro da casa, munido de taludo guardachuva. Pegos no flagrante, com a boca na botija, melados ou melhor salivados os rostos, lambuzados e eriçados os poros todos da face, lábios sôfregos, o rapaz dispara escada abaixo, seguido pelo “velho” brandindo o compacto guardachuva. – Um momento, moço!

Rua, a esse tempo, congestionada pelos transeuntes que, acelerados, buscavam abrigar-se da chuva. O rapaz, comedido, agiliza as passadas, evitando, todavia, desabalar em correria. Se o fizesse, chamaria a atenção geral. Atrairia olhares, comentários, prenúncios de até um escândalo. O pai da jovem, atrás, chamando-o em altos brados: - Torquato, espere! Espere, rapaz! Faz ouvidos de mercador. Finge não escutar. Alguns transeuntes alertam-no de que estava sendo chamado. Os passos cada vez mais próximos.

- Torquato, espere!...

Não teve, afinal, saída. Aguardou, trêmulo, temendo até mesmo uma desmesurada agressão. Apróximando-se, o “velho”, esbaforido, encharcado, estende-lhe amigavelmente o guardachuva:

- Aqui, meu jovem, é para você. Use-o, senão você vai se resfriar ainda mais... Dá para perceber que você está bom dos ouvidos...



## NOTA

**1 - A peça “Toda donzela tem um pai que é uma fera” é um clássico da dramaturgia brasileira. Comédia escrita em 1962 por Gláucio Gill e levada aos palcos sob a direção de Roberto Lage. Exibe em cena um coronel que busca defender a honra da filha (Daisy) que passara a morar com o namorado (Joãozinho). A peça foi adaptada para o cinema, filme do mesmo nome, com bastante sucesso, em 1966, sob a direção de Roberto Farias.**

**Eram tempos dos “Anos Dourados”, período entre 1950 a 1970, em que a juventude buscava libertar-se de dogmas políticos e da repressão na educação e costumes. Época de grandes avanços tecnológicos, científicos, mudanças culturais e comportamentais. Inauguração da 1ª estação de TV brasileira (TV Tupi – 1950), o lançamento do 1º satélite artificial, o Sputnik, pela antiga União Soviética (1957); a eleição e posse de Juscelino Kubitschek como Presidente do Brasil (1954); a implantação da Petrobrás (1954), Criação da Comunidade Econômica Europeia (1957), o surgimento dos Beatles, etc.**